

dealbar

Diretor: PEDRO CATALLO

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

A N O II NÚMEROS 14 E 15

SÃO PAULO, ABRIL E MAIO DE 1968

PREÇO NCr\$ 0,20

ORIGEM DO 1.º DE MAIO

Você tem uma dívida de honra para com aqueles que deram sua vida, para que trabalhássemos apenas 8 horas por dia

Desejosos de conhecer um pouco da História que envolve a celebração universal da Festa do Trabalho, iniciamos acurada procura de documentos fidedignos que nos pudessem conduzir seriamente, à verdadeira fonte que deu origem a esta comemoração. Dentre os vários documentos que nos vieram às mãos, encontramos um libretto de Ricardo Mella, que leva como título: «A Tragédia de Chicago» e como subtítulo: «Mártires e precursores das Oito Horas», que foi escrito em 1889, precisamente dois

e principalmente, deu ciência aos trabalhadores da sua poderosa força quando conscientemente organizados e instruídos.

Confessamos o nosso assombro quanto ao silêncio e a omissão que os jornais, revistas e outros meios de divulgação sempre fizeram em relação a este fato Histórico. Evidenciando falsas intenções, cada governo e cada Nação, imprime a essa memorável data, as feições mais absurdas e contraditórias que julga conveniente, sempre, porém, em premeditado detri-

aspirações. Diz ainda Ricardo Mella que, tanto os trabalhadores europeus como os americanos devem as suas mais firmes idéias sociológicas à Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em Londres no ano de 1864. E como prenúncio da tragédia de Chicago, Mella relata o seguinte: «O inverno de 1873 e 74 foi rigorosíssimo e a paralização dos trabalhos foi tão grande que muitos milhares de homens sofreram os horrores de uma morte lenta pela fome e pelo frio. Os obreiros sem trabalho de New York reuniram-se em imponente manifestação no dia 13 de janeiro de 1872, para que o público visse seu estado de pobreza; e quando a praça pública estava materialmente coberta de homens, mulheres e crianças, a polícia acometeu brutalmente por todos os lados, dissolvendo a manifestação em meio ao maior espanto daqueles famintos indefesos. Este ato bárbaro, esta inqualificável conduta da Força Pública, devem anotá-la em carteira os apologistas das liberdades norte americanas».

Para dar uma pálida idéia da situação em que se encontravam os operários naquela época, seguiremos mais um pouco a narração de Ricardo Mella: «Num país em que as indústrias têxteis mantêm em Pensilvânia 5.300 meninos menores de 15 anos; 4.300 meninas menores de quatorze anos e 27.000 mulheres e jovens de maior idade num trabalho penoso; num país em que há uma cidade como Filadélfia, onde os meninos trabalham em armazéns, lojas e fábricas, quatorze e até dezesseis horas diárias; num país em que somente em New Jersey exploram-se 15.000 meninos de oito a quinze anos de idade; num país onde a relação dos meninos menores de quinze anos ocupados em diferentes trabalhos dá uma percentagem de 40%, quase a metade; num país tal tem que ser, necessariamente,

rico e livre e, sem embargo, os trabalhadores sofrem tão terrível exploração e vivem tão miseravelmente que tem que atirar seus filhos à ruínas fainas durante muitas horas do dia; num país tal, repetimos, é lógico e necessário que se lute decididamente contra a burguesia, e que se dê o impulso a outros países onde os trabalhadores ainda não compreenderam bem a extensão e a grande verdade de seus males».

Finalmente no ano de 1880 ficou organizada a Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá, e, em outubro de 1884, acordou-se, numa reunião realizada em Chicago, que se declarasse em 1.º de Maio de 1886, a greve geral pela conquista das oito horas de trabalho. E assim foi de fato. Conforme havia-se estabelecido dois anos antes, chegou que foi o dia 1.º de Maio de 1886, declarou-se a greve geral em todo o território americano e daí resultaram os entendimentos e desentendimentos que são próprios da luta entre o capital e o trabalho. Ricardo Mella diz ainda que, se o triunfo não fôra total, a



Augusto Spies
Saúde! Tempo em que nosso silêncio será mais poderoso que as nossas vozes que hoje sufocam com a morte!



Samuel Fielden
O socialismo libertário demonstra que todos devemos evitar o mal onde quer que ele esteja.



Michel Achwab
Anunciamos uma mudança no sistema de produção e de consumo em todos os países; essa mudança não pode impedir-se, ela chegará.



Oscar Neebe
Sempre supuz que tinha o direito de expressar as minhas idéias, como cidadão e como Homem. Se isso é delito, sou então um delinqüente.

anos após aos acontecimentos que ora nos ocupam. Surpreendidos que fomos pelo título da obra, pois sempre se falou em «Festa do Trabalho» e não em «Tragédia de Chicago», adentramos-nos, sófregamente, na leitura do citado documento. Qual não foi a nossa surpresa ao constatar-mos que, em verdade, o 1.º de Maio longe de ser uma data festiva é, antes de mais nada, um dia protestatório e de invulgar significação social e humana. É data que marca uma das mais resplandecentes conquistas da História do proletariado, que vem a ser, o advento das oito horas de trabalho, em contraposição às dez e mais horas que, oficialmente ainda se trabalhavam em 1886. Ademais disso,



ALBERTO PARSONS
Que espécie de Justiça é a vossa que leva para a força homens aos quais não se lhes prova nenhum delito?

mento da sua legítima significação. Tudo faz para deturpar-lhe a índole combativa, transformando-o em dia festivo com bailes, piqueniques, excursões, competições esportivas, e, o pior de tudo é feito pelos contraditórios e mal chamados países «socialistas» que preparam agressivas demonstrações bélicas com suntuosas paradas militares. Dir-se-ia que há o propósito deliberado de ocultar à imensa coletividade operária do mundo, o exemplo edificante dos trabalhadores de Chicago do ano 1886.

Certos de que os nossos leitores gostariam também, como nós, conhecer alguns rasgos históricos destes acontecimentos, passamos a descrevê-los mui sucintamente embora, na medida que o espaço disponível no-lo permitir. Ricardo Mella começa dizendo que já em 1803 e 1806, organizam-se os primeiros sindicatos em New York e que em 1832 em Boston, faziam-se movimentos para a conquista das dez horas de trabalho. Essa inquietação e esses movimentos operários fizeram com que em 1853 em quase toda a república Norte Americana não se trabalhasse mais de onze horas em contrapartida às quatorze horas que eram oficialmente estabelecidas. Em 1869 em Boston organiza-se a «Liga das Oito Horas» que adotou um programa nitidamente socialista, e já nos anos de 1870 e 1871 começaram a se organizar entre os alemães residentes nos Estados Unidos, as primeiras forças da «Associação Internacional dos Trabalhadores» que havia de exercer notável influência entre a massa trabalhadora que ainda não estava bem compensada das suas verdadeiras



Jorge Engel
Por que razão se me acusa de assassino? Pela mesma razão que tive que abandonar Alemanha, pela pobreza e pela miséria da classe trabalhadora.

muito enérgica a atitude dos trabalhadores para suprimir de vez todas essas infâmias que matam lentamente os pais e filhos, adultos e rapazes e mulheres e anciãos. Num país tal, que goza fama de



Adolfo Fischer.
Grande é a verdade e a verdade prevalecerá.

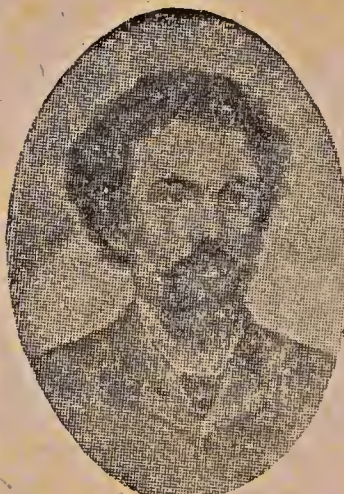
greve, entretanto, podia-se considerar vitoriosa e os trabalhadores do mundo teriam, daquela data em diante, uma jornada de trabalho mais humana e com maior respeito. Não nos é possível dizer nestas poucas palavras, as peripécias, as arbitrariedades e os atropelos que os trabalhadores vinham sofrendo desde o ano 1803, quando fundaram os seus primeiros sindicatos, até 1886 quando se decidiram humanizar um pouco a faina operária com a conquista das oito horas. Como a violência fatalmente sempre gera a violência, e como as grandes conquistas sociais foram sempre tintas do generoso sangue proletário, era de prever-se que o estabelecimento da nova jornada de trabalho reclamasse o tributo de sacrifício dos mais destacados militantes. Era esse o pensamento dos governos e dos patrões e assim o fizeram em ostensivo conluio.

A TRAGÉDIA

No envolvimento penoso, lento e perseverante desse processo de agitação que vi-

sava estabelecer a jornada de oito horas, alguns homens se destacaram pelo seu talento e pela abnegação e carinho com que abraçaram a causa proletária. E foi contra esse pugilo de militantes de liberdades morais e de reto procedimento que a «justiça» americana descarregou todo o seu ódio mortal e o seu rancor de classe. As coisas se passaram da seguinte maneira: em consequência da resistência oferecida por alguns donos de fábricas que não queriam ajustar-se ao novo horário de trabalho, realizou-se um comício em Haymarket, no dia 4 de Maio onde devia discutir-se a atitude daqueles patrões. O comício decorria na melhor ordem e serenidade, a ponto que, o Major de Chicago que estava ali presente com propósitos de até dissolvê-lo se era preciso, como fizera outras vezes, abandonou o local dando ordens ao Capitão Banfield para que recolhesse as tropas para o quartel. Entretanto, o Capitão Banfield assim não o entendeu, e, uma vez retirado o major de Chicago, deu ordens aos soldados para que dissolvessem aquela reunião. Quando já era iminente e inevitável a investida das tropas, cruzou o espaço um corpo luminoso que foi explodir com formidável estrondo entre a soldadesca, matando alguns e ferindo outros. Instantaneamente a polícia fez descargas cerradas sobre aquele povo, deixando a praça juncada de mortos e feridos. A seguir prenderam a torto e a direito, invadiram domicílios e maltrataram pacatos cidadãos. Todos os oradores e os que mais se haviam destacado no movimento operário foram presos. Jornais foram suprimidos e os impressores e editores foram encarcerados; reuniões e comícios foram também proibidos.

Em consequência dos fatos que acabamos de narrar, iniciou-se o correspondente processo. No dia 17 de Maio reuniu-se o Grande Jurado composto por elementos por demais conhecidos como reacionários e inimigos das reformas sociais. A acusação continha sessenta e nove cláusulas, complicando na morte do policial Degan, a Augusto Spies, Michael Schwab, Samuel Fielden, Adolfo Fischer, George Engel,



Luis Lingg
Não, não é por um crime que nos condenai a morte; é porque somos anarquistas; e posto que é pelos nossos princípios que nos condenai, eu grito sem temor: sou anarquista!

No dia 10 de Novembro, Luis Lingg burlando a vigilância do carcereiro e para não dar o gosto aos Juizes que o condenaram, suicidou-se em sua cela; e no dia seguinte, às onze e cinquenta minutos, Spies, Parsons, Engel e Fischer, se encaminharam para a forca cantando em alta voz a Marcelheza.

(Conclui na última página)

IRREVERÊNCIA DO TEMPO

A lembrança da Bastilha do Cambuci é uma evocação dolorosa, mórmemente quando se relembra que êsse vulto simpático não foi tão «nobre» como o seu nome.

As novas gerações não sabem e talvez nem imaginam a grande manifestação de solidariedade humana que a população de São Paulo prestou, nos anos de 1925 a 1927, aos dois anarquistas italianos, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, condenados à cadeia elétrica por um premeditado erro judiciário dos famigerados tribunais norte-americanos. Presos em Massachusetts em 1920 sob a acusação de haver cometido um crime, os juizes apressadamente forjaram testemunhas e condenaram-nos à morte. O mundo inteiro, consternado, interessou-se por aquele célebre processo que se prolongou por mais de sete anos devido a que o Comitê Central de defesa sediado em New York, conseguiu sustar por várias vezes a execução da sentença. Personalidades de todos os matizes sociais, menos padres, comunistas e fascistas, somaram-se àquela histórica campanha que visava arrancar das garras dos furibundos juizes lanquis a vida daqueles dois inocentes. São Paulo também, com sua fervilhante população cosmopolita onde predominava o elemento italiano, não podia ficar indiferente ao clamor daquela agitação universal que dia a dia tomava vulto impressionante. Foi assim que, no começo de 1925, sindicatos e uniões operárias reunidos em memorável assembléia pública no então salão Itália Fausta, na rua Florêncio de Abreu, fundaram o Comitê de Agitação Pró Sacco e Vanzetti, que devia orientar e esclarecer o povo brasileiro sobre aquele histórico processo judiciário.

A campanha teve início com grande entusiasmo, e, em pouco tempo, comícios, reuniões, conferências, jornais e boletins, multiplicavam-se na mais perfeita ordem, cumprindo um dever de consciência que visava salvar da cadeia elétrica duas inocentes criaturas. Tudo corria muito bem em São Paulo, onde poetas, jornalistas, professores, médicos, dentistas, operários, escritores, em fim, de todas as classes sociais acudiam ao chamado do Comitê Pró Sacco e Vanzetti, no único objetivo de prestar solidariedade a um movimento que abrangia o mundo inteiro. Mas, como toda regra tem a sua exceção, a exceção daquela ordeira e meritória campanha foi um Promotor Público de nome Hibrain Nobre, que já se havia distinguido como delegado em Santos pelas suas repressões violentas contra trabalhadores. De caso pensado assumiu o posto de delegado da Ordem Política e Social, com o único fito de desbaratar a honrosa e justa manifestação de sentimentos humanos que o povo de São Paulo tributava à vida de Sacco e Vanzetti. Em cada reunião, comício ou conferência, redadas de participações eram levadas por ordem de Hibrain Nobre, para os infectos e pestilentos xadrezes do então Gabinete de Investigações da rua dos Gusmões.

O autor destas linhas que, o único remanescente em São Paulo, daquele Comitê formado em 1925, passou inúmeras vezes por aqueles imundos cubículos, e por

inúmeras vezes teve o desprazer de se defrontar com o empertigado e sanhudo delegado. Amparado na impunidade ilimitada de policial nato, «Nobre» mandava buscar em casa os honestos e probos promotores daquela digníssima campanha — todos cidadãos de elevada cultura social e libado comportamento — e tratava-os como marginais, proferindo rançosos sermões «jurídicos» e repetidas ameaças que depois materializava. Um dos homens que mais sofreu nas mãos do senhor delegado «Nobre», foi Domingos Passos, em memória de quem endereçamos esta recordação como uma homenagem fraternal ao seu grande sacrifício. Domingos Passos era um moço carpinteiro dono de uma cultura invulgar e orador acachapante e envolvente. Acudiam a centenas as pessoas para ouvir a palavra fácil e eloquente desse mestiço que honrava o Brasil e podia ser orgulho do cruzamento da raça branca com índio, das quais descendia. Pois bem, esse moço toda bondade e cuja erudição a ninguém devia porque era um extraordinário auto-didata, e que participava também, da meritória campanha a favor de Sacco e Vanzetti, depois de várias vezes arrastado pela sujeira dos cubículos da rua dos Gusmões; à mando de Hibrain «Nobre» foi encerrado na «Bastilha do Cambuci», um dos cárceres mais téticos e espantosos de que se tem memória no Brasil. Quem quizer sofrer um impacto emocional, basta consultar, sobre a «Bastilha do Cambuci», os jornais que relatam a invasão do povo paulista àquela sepulcro negro, por ocasião da revolução triunfante de 1930.

Escadas eletrificadas por onde se faziam subir e descer os presos a fim de torturá-los, de cujos gritos era testemunha a própria vizinhança. Pequenos cubículos chamados «côfres» de 1 metro e 80 de comprimento por 50 centímetros de largura, todos pintados de piche, sem aberturas para a respiração e com canos d'água furados ao redor das paredes, para molhar, de vez em quando, os infelizes ali sepultados. Celas completamente obscuras, sem nenhuma comunicação com o exterior, segregadas de luz e de ruídos que pudessem lembrar a existência de gente do lado de fora, construídas com a satânica intenção de matar ou enodoecer o preso pelo silêncio e a solidão. Casos de loucura fo-

ram ali registrados por várias vezes. Precisamente, foi numa destas celas que Domingos Passos esteve recluso por mais de três meses por ordem e recreação do célebre delegado da «ordem» política e social, Hibrain «Nobre». A pesar do nosso esforço, nem roupa e nem comida permitiam que se lhe entregasse e até os «Habeas Corpus» eram cavilosamente burlados pela astúcia de «Nobre». Quando dali foi removido para ser atirado a uma das selvas que já nem mais lembramos a região, Domingos Passos estava com o corpo coberto de chagas e todas as roupas em fiapos. Tivemos depois, apenas esparças notícias e tudo fizemos para mandar-lhe roupas e dinheiro... mas nunca mais tivemos notícias dele. Foi uma rara inteligência truncada pela truculência de um delegado que se chama «Nobre» mas bem pobre de nobreza.

Vale registrar que êsse delegado tão cioso da «ordem» pública e que não hesitava em tolher aos cidadãos a livre manifestação de pensamento garantida pela Constituição do país, em 1932, quando os Perrepietas a pretexto de «reconstitucionalizar» o país tentaram reconquistar os exorbitantes privilégios perdidos, o senhor «Nobre» mais uma vez amparado na impunidade que sempre o acompanhou, assenhoreou-se das ruas de São Paulo, e deitou falação onde quis e como quis. Usou e abusou de um direito que poucos anos antes negara àqueles homens que lutavam para arrancar dos verdugos lanques a vida de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Como sempre: dois pesos e duas medidas.

Alguém perguntará: por que essa evocação agora? Desejos de vingança? Até um certo ponto, quem sabe. Mas é que, por estranho que pareça, agora, aos 80 anos de idade, Hibrain Nobre, êsse homem que fora um furibundo e truculento delegado de polícia, se tornou um «paladino» da liberdade. Num canal de televisão de São Paulo, depois duma estertórea estridada literária fazendo gala de recordações do São Paulo antigo e esquecendo o homem reacionário que foi, disse enfaticamente em sua peroração: **A liberdade não se pede, conquista-se, mesmo que seja de fusil na mão.**

Remoços ou caduquice? Simplesmente: irreverência do tempo!!!

PEDRO CATALLO

Contribuições

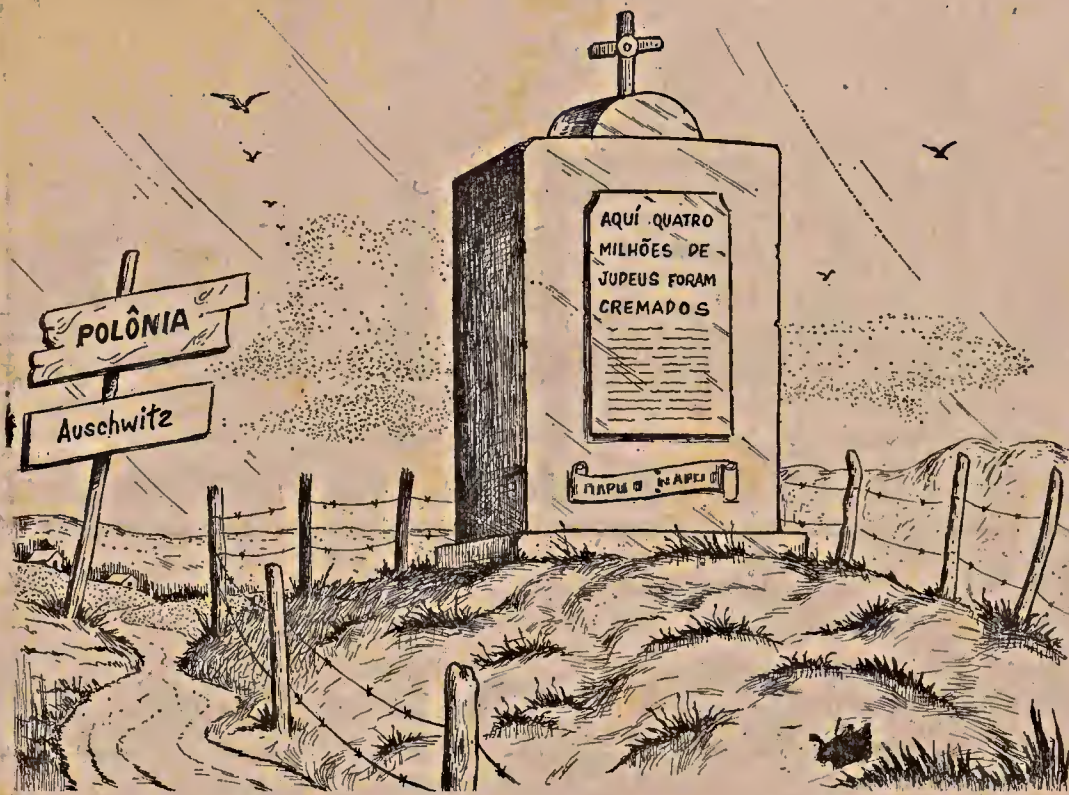
Rojó, 5,00; El Paso, 5,00; Cecílio, 5,00; Paco, 2,00; Pacifico, 5,00; Terêncio, 1,00; Maria T. Lopes, 0,50; J. M. da Rosa, 0,50; S. T. Lopes, 0,50; J. M. da Rosa, 0,50; A. F. de Moura, 1,00; J. L. S. Cardoso, 0,50; J. A. D. Braga, 0,50; S. O. Lopes, 1,00; Bichow, 0,50; G. Azul, 0,40; G. E. Furtado, 0,50; Paula, 15,00; Carlos Aldeghiere, 8,50; GAF, 1,50; Gumerindo, 5,00; Odair, 1,00; Dr. 20,00; Eurico, 10,00; Um amigo, 5,00; J. Valverde, 1,00; Maria Valverde, 4,00; Maria Valverde, 1,00; Vendas/Jaime, 0,20; Jaime, 3,60; Saccheta, 10,00; Dr. 30,00; O Magro, 1,00; Castor, 5,00; Anônimo, 5,00; J. H. A. Viana, 5,00; Atilio, 3,00; Emilio, 0,40; Bebeduro, 5,00; Atilio, 3,00.

São Paulo 15/4/68

LEIA E DIVULGUE «O PROTESTO»

Um jornal vibrante, de Ideias, Críticas e Combates

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul



Para que a herva não apague da memória dos povos, os 4 milhões de poloneses cremados. Um monumento se ergue em Auschwitz.

Para que ninguém esqueça

Por Campio Carpio

Um editorial de «La Prensa» de Buenos Aires, de abril de 1967, informava que «em Auschwitz, Polônia, num canto do que fora um dos maiores campos de extermínio montados pelos nazistas, realizou-se, no dia 17 daquele mês, a inauguração solene do momento erguido em memória dos 4 milhões de poloneses mortos nesse campo. Mais de 100 mil pessoas reuniram-se ali, procedentes de todos os países do mundo, com o fim de conhecer os campos onde se jogavam as cinzas das vítimas quando os fornos crematórios incineravam 60 mil cadáveres por dia e andaram por entre os sinistros pavilhões, agora deteriorados pelo tempo e meio cobertos por pastagens».

Esta imagem da herva que apaga lentamente as marcas da ignominia hitlerista lembra a propensão humana para o esquecimento, muito bem descrita por Carl Sandburg em seu poema *Herva*: «Amontoai-vos alto em Austerlitz e Waterloo / Cobri-os com terra e deixai-me trabalhar / Eu sou a herva; cubro tudo. / Amontoai-vos alto em Gettysburg, em Ypres e em Verdum / Cobri-os com terra e deixai-me trabalhar. / Passam dois anos, dez anos e os passageiros perguntam ao condutor: / Que lugar é este? Onde estamos? / Sou a herva; deixai-me trabalhar».

Para que isso não aconteça em Auschwitz, para que o sofrimento dos seus mártires e o inaudito crime de seus verdugos não fiquem cobertos pela relva — como tantas vezes ficou o sacrifício dos heróis, em todos os confins da terra onde os homens lutaram pela liberdade — ergue-se naquele local um severo monumento de pedra.

Seria preciso levantar muitos outros: em Dachau, em Nordhausen, em Buchenwald, em Lublin, em Belsen, em Ohrdurf, em Gettlingen, em Jena, em Leipzig, em Altdorf, em Gotha e em tantos outros lugares tristemente célebres por seus campos de concentração.

Nesses antros da morte devem ser incluídos os de Argel sur Mer, Saint Ciprien, Barcarés, onde, em 1939, a França jogou, como feras, cercados de arame farpado e vigiados por gendarmes senegaleses, meio milhão de homens à mercê das inclemências do inverno. Era um contingente de seres convertidos em restos de uma derrota, entre «homens, mulheres e crianças que chegavam às portas do mundo a pedir asilo para salvar suas vidas e sua liberdade». Em maio de 1942, precisamente três anos depois, o senhor Petain, glorioso marechal francês e patriótico colaborador de Hitler, pôde anunciar ao mundo que mais de 72 mil daqueles rebeldes haviam encontrado sepultura em terras da França.

E a todos êsses recintos da morte politicamente mecanizada é necessário somar, com

monumentos bem altos, a praça de touros de Badajoz, Carabanchel, Nanclares de Oca, Vale dos Caídos, construído pela mão escrava dos prisioneiros. Todos êsses assassínios devem ser registrados por conta dos governos europeus, serventes de Hitler e Mussolini no implacável e impiedoso extermínio da resistência ao nazi-facismo, com atuação direta da Inglaterra e a França, para que fique lembrado como um período oprobioso que jamais deverá repetir-se.

Os causadores da derrota ibérica pela fome e por falta de munições, depois de apressados os fugitivos e exterminados muitos na Espanha, entregaram em mãos de Hitler a débil resistência checoslovaca; ajoelharam-se em Munich diante do senhor da Europa, e seus valentes oficiais lustraram as botas das Panzer Divisionem que cercaram a linha Maginot. Depois, quando o invasor não encontrou resistência e invadiu a Polônia para iniciar seu avanço para o Leste, foi que as sujas democracias se prepararam para o combate.

Para que jamais sejam esquecidos os anos de dor, doenças, fome, crueldade, degradação, torturas, sujeira, terror e morte que ali viveram acrescenta «La Prensa». Para que sejam lembradas as «dietas científicas», que faziam perder 20 quilos em duas semanas, reduzindo o peso dos prisioneiros de 30 a 40 quilos em poucos meses; as «câmaras letais» construídas com todos os aperfeiçoamentos técnicos; as valas de cadáveres e os minuciosos registros que anotavam os nomes e a data da morte de ca-

da um. Para que não sejam esquecidas — mas lembradas — as vítimas do «espaço vital»: 125.000 na Holanda, 20.000 na Bélgica, 1.000.000 na França, 60.000 na Checoslováquia, 5.000.000 na Polônia, 100.000 na Iugoslávia e 685.000 na Grécia; apenas computando os mortos, executados ou assassinados, em apenas alguns países.

Essa estatística pavorosa não registra 1.000.000 de espanhóis que sucumbiram durante os três anos da terrível «guerra civil», nem mais 1.000.000 de resistentes e refraários ao regime imposto na Espanha por Hitler, que ainda perdura apesar do tempo e das circunstâncias, e que foram exterminados por fuzilamento e nas prisões, ou condenados à fome e à miséria. Também não estão naquela lista os 8.000 combatentes espanhóis queimados nos fornos crematórios de Hitler.

Para êstes desgraçados que serviram de pasto à impiedosa e democrática sociedade capitalista nos campos de morte da Europa, não há monumento. Os regimes ocidentais que venceram o nazismo, pactuam com os verdugos do povo ibérico, e com empréstimos de dinheiro ou com armas, agrihoam as vozes dos sobreviventes que não se entregaram.

«Tudo isto deve ser lembrado» — continua o órgão bonaerense — «como medida preventiva, para evitar que ressurgam os culpados ou seus imitadores e procurem repetir o genocídio».

Que sentimento de terror e espanto. Tais atrocidades não podem repetir-se jamais, nunca mais!

A PAZ

Lindolf Bell

Eu conheço a paz
A rotunda paz
A paz pregada
A paz relegada

Conheço a paz pregada à pele das ruas
Ao muro de Berlim

A paz pobre
A paz colada às bandeiras dos países
A paz com bolor
A paz histórica das nações fortes
A paz imposta aos pequenos

Conheço a paz preta
Não a branca paz da pomba

A homeopática paz
A pálida paz
A paz do cartaz
A paz do púlpito
A paz política

Conheço a ridícula paz
da gorda senhora chamada ONU

Conheço o cachimbo da paz
Que é uma bomba sem paz
Que é uma paz ponteaguda
Esta é a paz que eu conheço
Aonde estará a Paz?

DEALBAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Registrado no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Livro B n. 3 sob n. 2.097

EXPEDIENTE

Redação e administração:

RUA RUBINO DE OLIVEIRA, 85

Correspondência:

C. POSTAL, 5739 — S. PAULO

Diretor responsável:

PEDRO CATALLO

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo — Rua Garibaldi, 1093 — P. Alegre, (RGS) Os artigos são de responsabilidade dos seus autores.

A JUVENTUDE E A REALIDADE BRASILEIRA

Trechos de uma palestra pronunciada pela Vereadora IDA REGO em Itapetinga, Bahia, por ocasião do Congresso Estudantil, em 15 de fevereiro de 1968

Meus jovens compatriotas:

Cedemos, de bom grado, ao encanto do mais honroso e amável convite para falar aos moços da nossa terra sobre os principais problemas da mocidade brasileira. Aqui entre vocês prazerosamente nos encontramos. Fora pois, natural viéssemos falar-lhes com os surrados chavões da retórica imperante a respeito da nossa realidade. Pensamos, porém, que a festa de hoje, festa juvenil, que é sempre um sorriso de beleza e esperança, não deve reduzir-se aos moldes sedícios desses estilos da praxe. Previnimos mesmo a emoção que nos embarga, em lhes dirigirmos, como jovem, a nossa palavra. E sentimos, em verdade, que a pequenina tribuna a que ora nos assomamos, se alarga e ilumina, transformando-se, como por encanto, na majestade destas tribunas populares de que tanto necessita o povo para as suas reivindicações.

É que falamos a moços, falamos nesta querida Bahia neste ano decisivo de 1968. Falamos, sobretudo, nesta hora extraordinária e indecisa, em que se faz mister lançar os mais vibrante toque de reunir todas as forças vivas e sãs da nacionalidade. E ninguém pode negar que a mocidade seja uma dessas energias poderosas, senão mesmo a mais de todas, principalmente em nosso país onde mais da metade dos habitantes é constituída de moços. Dois terços da população brasileira tem menos de 25 anos e desses, cerca de 15 milhões são os estudantes, os novos trabalhadores; os moços rebeldes de hoje.

A velha classe política brasileira se demite pela omissão, e o chamado «homem de amanhã» se mostra muito mais adulto do que o «homem de hoje». Ninguém se iluda quanto a determinação da mocidade, a nova geração que surge sabe perfeitamente o que quer. Idealista e engajada, não se conforma com a estrutura social injusta em que vive, onde questões fundamentais são preteridas por interesses mesquinhos. A juventude é despida de preconceitos e se faz agora caixa de ressonância do nosso século, no sentido de urgên-

cia no equacionamento das soluções dos nossos problemas. Os jovens estão vinculados às aspirações do povo e, como ele, marginalizado do processo histórico do Brasil. Todas as portas lhes estão fechadas, desde uma estruçalha estrutura partidária, reservada com exclusividade aos privilegiados, até os processos políticos atuais de uma pseudo-democracia que condena e abomina.

Assim é que falamos aos estudantes baianos, falamos aos moços que são e não lhe encaramos somente a profissão, consideramos especialmente a mocidade que lhes pulsa nos corações e irradia nas frentes, fazendo-os mais abertos ao progresso e mais sensíveis às causas justas da humanidade. Não teremos a estulta pretensão de inculcar-lhes o dever nesta hora grave, queremos, apenas, como uma jovem mais experimentada, apontar o modo a consagrarmos nossas vidas em flor, à salvação e redenção do Brasil nos dias apreensivos que vai vivendo e retome o caminho da redemocratização e o lugar de destaque que

lhe cabe, pela sua posição no mundo futuro. Um Brasil onde desapareçam as desigualdades gritantes e onde não seja possível negar aos seus filhos o dever de instruí-los, de prepará-los para ombrear com os cidadãos de outras pátrias. Pois, infeliz a democracia que chegue a esquecer a alfabetização do povo. É justamente esta referência sobre alfabetização que chega a envergonhar-nos, pois apesar de todos os labores para solucionar o problema da alfabetização, ela continua tão falada quanto esquecida, aviltada pelas dissipações da política. Como acentuamos, malgrado os esforços para solucionar a questão, mais de 50% dos nossos irmãos brasileiros, que escaparam de morrer na primeira idade pela desnutrição, ainda não alfabetizados. Há apenas 160 mil jovens nas Universidades do país, representando menos de 2% da população entre 19 e 25 anos. Em comparação, 7% dos jovens ingleses, 10% dos franceses, 40% dos norte-americanos cursam universidades e 22% dos cidadãos soviéticos tem seu grau universitário. Mas,

no Brasil, o governo pretende na verdade fazer da universidade uma casa fechada, cujas portas somente se abrem para uma elite minoritária e privilegiada. O ensino superior marcha a passos largos para uma descriminação econômica. O estudante pobre não pode aspirar ao seu acesso à universidade.

Esta é a realidade irrefutável que os homens de governo tentam confundir à custa de um palavreiro cheio de contradições e a custa de uma manipulação maliciosa de estatísticas, estabelecendo imagens falsas, apesar de todos reconhecerem que a educação é a base fundamental do desenvolvimento econômico e do progresso social. É bem mais fácil entrar na escola do que permanecer lá. De cada 100 crianças brasileiras que ingressam no curso primário, apenas 18 o completam. O número de crianças excedentes na área da escola primária, eleva-se a mais de 5 milhões. Não há escolas secundárias suficientes para abrigar todos os estudantes que deixam a escola primária. A universidade é um sonho

quimérico; só uma elite minoritária consegue chegar lá. O baixo rendimento do nosso sistema educacional, constitui outro dos principais problemas nacionais a ser equacionado e resolvido. Vamos reformar o sistema educacional fugindo à alienação servil para poder mobilizar as forças intelectuais adormecidas da Nação. Com um grande número de escolas temos a possibilidade de desenvolver o povo, formando, destarte, os técnicos necessários ao desenvolvimento do país. O Brasil tem de dar escolas para todos, a fim de assegurar, sobre a natural desigualdade dos homens, aquela igualdade inicial sem a qual é iniquidade. Por isto mesmo, não pode tratar a educação como um prêmio aos campeões da política de clientela, aos parasitas do orçamento nacional, aos fantasmas escusos da rotina e da mediocridade, da corrupção e da indigência intelectual. Todas essas questões precisam da consciência e do coração dos brasileiros, sobretudo, da compreensão da juventude que tem energias bastantes para solucioná-las.

A fome a doença e a morte rondam nosso povo

Diariamente, cem crianças brasileiras morrem de fome, por absoluta falta de recursos, pois o país tem um déficit de 21.220 leitos infantis e 45.587 médicos. Dois milhões e meio de bebês — quase a população do Uruguai — caminham para a subnutrição crônica: morrerão precocemente ou contrairão doenças que os deixarão parcialmente deformados.

Isto o que consta, entre outras coisas, no relatório que a Legião Brasileira de Assistência, presidida por Dona Iolanda Costa e Silva, preparou para enviar à Comissão de Saúde da Câmara. No mesmo relatório, está escrito que a questão da maternidade, infância e adolescência no Brasil é das mais graves, atualmente, com as agravantes da

baixa renda per capita e da explosão demográfica.

MEDIDAS URGENTES

Segundo o relatório «se não forem tomadas medidas energéticas, eficientes e práticas neste momento decisivo que atravessamos, a situação dentro de cinco anos, adquirirá tal volume em profundidade e extensão que será absolutamente incontrolável, como ocorre em alguns países da Ásia».

A tese preconizada pela LBA — da legalização do jogo do bicho — é endossada por figuras de projeção da vida brasileira — religiosos, parlamentares e educadores — para quem a salvação da criança brasileira merece qualquer sacrifício.

Assim, simplesmente assim, assim friamente foi noticiado por um jornal desta Capital, essa espantosa tragédia infantil. Se não nos causa maior assombro é porque pertencemos àquela faixa da população onde as hecatombes sociais alcançam sempre proporções superlativas, e, por conseguinte, o assombro se desvanece em consonância com aquele velho adágio que diz: «O hábito mata a impressão». Mas, mesmo assim, saturados das soturnas notícias que são o repasto cotidiano da maioria dos jornais, não podemos furtar-nos a um pequeno comentário sobre esse inquietante flagelo que se abate desastrosamente e precisamente, sobre as pobres e indefesas criancinhas que já, nos primeiros meses de existência, sentem na própria carne os impiedosos efeitos dos malefícios sociais codificados.

As sombrias perspectivas dessas nascentes gerações que consoante o relatório — «morrerão precocemente ou contrairão doenças que os deixarão parcialmente deformados» — dão a medida exata da completa disjunção existente entre os poderes Governamentais e os fundamentais deveres da Nação, uma vez que, como única via de solução para essas vergonhosas mazelas que depõem contra o decóro Nacional, a Legião Brasileira de Assistência preconiza a legalização do jogo do bicho. A insolvência Estatal é tática e clara nessa transação pretendida pela entidade que dirige a primeira Dama do país. Resulta, porém, e é de domínio público, que o jogo do bicho foi suprimido por governos anteriores, como medida de saneamento e, principalmente, porque é um jogo largamente praticado pelo proletariado que na ânsia de mitigar a sua pobreza põe no «bicho» os esqueléticos centavos que diminui no arroz da família.

Este foi, pelo menos, o preponderante arrazoado quando da sua supressão; e também, porque foi considerado inescrupuloso engodo e uma prodigiosa fonte de exploração popular. Vemos agora, com surpresa, que o jogo do bicho veste roupagens filantrópicas, altruístas e benéficas, recebendo as honras do Estado e incumbindo-se-lhe a sublime e piedosa missão de salvar da morte e da deformação física a milhões de criancinhas que compõem a desvalida infância brasileira. Neste ponto a emoção nos embarga e não sabemos se aplaudir a legalização dessa contagiosa praga social que como a lei do semelhante destina-se a combater outra pior, ou se vociferar clamando em voz alta, toda a nossa cólera, contra essa desafortada afronta que se faz a um povo que precisa escolas e bem estar e não corrupção e vícios.

Se o desejo da LBA, se consumir, outorgando alforria ao proletário jogo, uma escalafriante metamorfose poderá nos surpreender: os «banqueiros» que exploram e controlam o jogo do bicho, que sempre foram tidos como gangsters, perseguidos, presos, espancados e até processados como contraventores, serão içados à categoria benemérita de Cidadãos Benfeitores com todas as honras correspondentes. Disto tudo, porém, uma coisa sobressai, gritante, desoladora e triste: é a fria e insolvente posição do Estado ante esse magno problema de tão funda significação Patriótica e Nacional.

P. Drinho

SILHUETAS DE ISRAEL

A guerra é permanente entre os Estados árabes e o Estado de Israel, ou antes contra os judeus, pois de fato, os árabes fizeram antes guerrilhas, pogroms contra os judeus da Palestina, tanto em 1929 como antes, mas consideremos as datas; assim em 1929 todos os judeus de Jericó foram massacrados, abatidos como o gado, com facas; o mesmo se passou em Jerusalém e em toda a Palestina. A culpa? As duas raças são circuncisas e se consideram «primos», segundo a história... mas as igrejas, os museus, os juizes muçulmanos, os bonzos dos árabes pregaram a Jihad, a santa sacro-santa guerra os «infieis»... assim proletários e empreendedores se reuniram, pois tratava-se, numa Jihad como este de simplesmente se enriquecer em nome de Alá, poderoso — Alá, com o auxílio do Onipotente... Abateram-se crianças, velhos todos... Aqui e ali aparecia um sujeito bom, mas então eram os próprios árabes que o cortavam em pedaços, um «infel» de tal calibre...

E no entanto os árabes tinham vivido na miséria antes da imigração dos judeus na Palestina onde aliás eles não eram numerosos, trezentos mil no máximo; mas diante do progresso observado na Palestina os árabes de todos os países que contornam a Palestina vieram para essa região. Enquanto que os britânicos barravam os imigrantes judeus ilegais, os árabes entraram em massa e encontraram trabalho no meio dos judeus, trabalho esse que foi remunerado, coisa inabitual entre árabes, pois eles tinham geralmente um «salário» de gorjeta em troca de uma escravidão de cavalo...

Os judeus entretanto, vindos principalmente da Europa, lavraram a terra, construíram o país, organizaram-se em sindicatos e infelizmente também em partidos; de tal maneira que nas últimas eleições no Knesset (Parlamento) nós contamos 24 partidos, entre os quais encontramos também meio-fascistas, mas para felicidade do país eles são pequenos. Eles queriam imitar os nazis, mas os 87% restantes são tão fortes que vai tudo bem... Nós temos também religiosos, os quais atrapalham a vida dos pensadores em geral; mas aqui eles incomodam os passantes; aos sábados eles jogam pedras contra os motoristas, aqueles que passam em automóveis. Por outro lado eles fazem demonstrações contra as autópsias dos mortos; eles deveriam saber esses pobres diabos que as operações post-mortem são feitas, sem piedade e sem valor medicinal, pelos vermes que comem os pobres cadáveres, antes da chegada do Messias que não virá. Durante a maldita guerra eles carregam armas, pois é preciso confiar em si próprio... Deus não ajudou nunca, nem em Auschwitz, nem na Rússia nem em seus satélites onde o antissemitismo está crescendo.

Dir-se-ia que a última guerra era mesmo necessária, simplesmente pois os Nasser e companhia, 13 Estados árabes se uniram com o único fito de terminar ou exterminar todos os judeus de Israel como também com aqueles que se encontram nos países árabes e que não obtêm o direito humano de emigrar, de deixar a terra natal; costume que está em vigor na Rússia bolchevista onde judeus ou outros não podem sair, pois a lei do Estado não pode se abster de escravos. A última guerra salvou os judeus de Israel e os dos países árabes, pois os judeus eram os mais fortes. Posto que uma morte certa lhes tinha sido prometida, eles se bateram como leões, eles se jogaram no fogo como selvagens que na realidade não são.

A França de um de Gaulle traiu seu amigo Israel declarando seu Embargo, seu boicote contra Israel; os Estados Unidos do Sr. Johnson não fizeram nada, mas os russos estavam desvantajados e não podiam intervir para ajudar os 100.000.000 de árabes armados até os dentes em sua guerra contra os dois milhões e meio de judeus israelenses que fizeram uma verdadeiramente boa impressão sobre os árabes entre os quais foram encontradas armas russas das mais modernas; os poloneses cuja população não tem calçados, tinha enviado os calçados para os bravos soldados da Síria «comunista»; no Egito os comunistas se encontram, naturalmente que são encontrados comunistas lá mas bem aprisionados, pois eles são fora da lei. Entretanto isto não impede os russos de os ajudar, de maneira que os pobres proletários russos devem trabalhar horas suplementares e se calar, pois a ditadura vos permite: Uma coisa só: se calar. Se falarmos em Es-

PENSAMENTO

Se você agir sempre com dignidade, pode não melhorar o mundo, mas uma coisa é certa: haverá na terra um desonesto a menos.

CONFÚCIO



triste notícia

NOTA DE TRISTEZA

Fomos surpreendidos com a dolorosa notícia do sepultamento na sexta-feira dia 12 de abril, do nosso grande amigo e colega de ideais Prof. Dr. Mário Ferreira dos Santos. A notícia deixou-nos apavorados, pois custávamos aceitar que aquele homem relativamente ainda jovem e cheio de atividades literárias, tivesse deixado de existir. Mas a dura realidade é essa, o nosso grande professor Mário Santos, deixou um vazio muito grande na esfera do saber.

Dominado por uma imensa modestia que o colocava acima de qualquer espírito de exibicionismo, Mário Santos passava quase despercebido pela crônica literária. O seu grande número de obras de

toda espécie e de todos os setores do pensamento humano, ocupa lugar de destaque em todas as livrarias do Brasil. O Dr. Mário Ferreira dos Santos, que tivemos a ventura de conhecer como dono de uma livraria (que era o elemento por ele sempre preferido) em 1946, foi, sem dúvida nenhuma, o homem mais culto que conhecemos em n/que conhecemos em nossa longa vida de militante libertário. A sua erudição não tinha limites, artes, ciências, filosofias, sociologia, línguas e História, não tinham segredos para aquele cérebro singularmente privilegiado. Conferencista exímio, expositor de recursos incommensuráveis, e polemista tranquilo, seguro e imperturbável, prendia qualquer assistência por mais culta e exigente que fosse.

Nós que tivemos o ensejo de privar com ele por quase trinta anos e de conhecê-lo o manancial de sabedoria que possuía debaixo daquela sublime modestia que o caracterizava, podemos avaliar a grande perda que o mundo teve com o falecimento do nosso inesquecível amigo Prof. Dr. Mário Ferreira dos Santos.

Os libertários e o Centro de Cultura Social, associam-se à dor e o luto de sua esposa, filhas e genros.

P. Catallo

FALECIMENTO

Deixou de existir no dia 13 de março de 1968, aos 63 anos de idade o nosso companheiro José Dias, que se encontrava doente há quase dois anos, vítima de insidioso mal.

José Dias era oriundo de Portugal, onde, por professar idéias libertárias, sofreu a perseguição e o encarceramento pela ditadura salazarista, de cujos sofrimentos, se lhe instalou uma certa perturbação mental. Conseguiu fugir para a África e de lá passou para o Brasil no ano de 1941, onde residiu até a época do seu falecimento.

Apesar de sofrer, periodicamente, ligeiras crises mentais, José Dias, mantinha-se ordeiro e equilibrado, levando vida normal e de bom companheirismo. Não tinha família em São Paulo, e, em sua prolongada doença, tanto em casa como no hospital, teve ao seu lado o aconchego e o carinho dos companheiros libertários de São Paulo.

Vai aqui a nossa sentida e respeitosa homenagem.

DEALBAR

DEALBAR — abril e maio de 1968 — Pág. 3

Poderíamos definir «Parapsicologia» uma palavra nova para «Algo» antiquíssimo. De fato, os fenômenos que a «ciência parapsicológica» hoje estuda e abrange no seu campo de pesquisas, existiram desde épocas imemoriais, sendo, sem dúvida, naturais ao ser humano.

A cada passo, folhando os livros os mais antigos, sejam eles livros de caráter religioso, sejam obras de escritores leigos, encontramos uma documentação imensa dos fenômenos que hoje «imprópriamente» chamamos «paranormais». Aliás ocorre considerar que tais fenômenos eram tão comuns e até corriqueiros que ninguém, naquelas longínquas eras, pensava em considerá-los paranormais.

Entendemos dizer e anotar aqui que o conceito de paranormal é um conceito recente, moderno devido talvez a uma série secular de sobreestruturas e condicionamentos do nosso pensamento e quiza das nossas condições biológicas, ambientais e sociais. Vejamos por exemplo a telepatia: imaginemos então o homem primitivo com solicitações primárias, tais somente como satisfação da fome ou da sede, vivendo numa comunidade de poquíssimos membros, não tendo à sua disposição uma linguagem. Isso talvez por motivos estruturais de formação de cordas vocais.

Nessas condições é evidente que o esforço de comunicação tendia a focalizar-se diretamente no cérebro: ou

melhor de cérebro para cérebro. Além disto o vocabulário mental era extremamente pobre e conseqüentemente de fácil transmissão.

Nas experiências de hoje transmitem-se pequenos sinais aos quais podemos atribuir valores em termos de linguagem do mesmo modo de que os pontos e alíneas do alfabeto Morse. Não é absolutamente difícil neste caso imaginar um telegrafo-telepático e talvez certas experiências sob sigilo militar tenham efetivamente esta finalidade. Portanto a transmissão de sinais e às vezes de uma inteira palavra é atualmente possível e cientificamente provada. O cérebro tem então ainda esta capacidade correspondente talvez às mesmas características dos nossos ancestrais.

Porém dizem alguns: o ser humano se desenvolveu e entretanto tal característica do seu cérebro ficou diminuída até a atrofia.

Não seria melhor considerar que o desenvolvimento do ser humano, no que se refere à sua linguagem, às suas relações com outros seres, aos seus pensamentos e suas solicitações foi tão rápido que não permitiu à sua conformação cerebral de acompanhá-lo com a mesma velocidade e com as mesmas possibilidades técnicas de transmissão?

UMA PALAVRA NOVA

A telepatia difundida no passado, sério perigo no presente.

Além disso, devido às modificações das relações entre seres humanos: da família ao grupo, ao clan, à tribo, à nação com conseqüente disparidade e antagonismo de interesses não terá surgido uma tendência instintiva de controlar ou despistar a transmissão do pensamento?

Porque telepatia deve ser considerada não somente como transmissão consciente dum pensamento para captação consciente deste pensamento por outrem, mas na captação consciente (e até inconsciente — temos muitas provas disto) dum pensamento transmitido inconscientemente.

Aqui está o verdadeiro e terrível perigo da telepatia: pode-se facilmente imaginar as conseqüências que acarretaria à nossa atual sociedade humana a captação dos pensamentos totais dos indivíduos que a compõem: indivíduo por indivíduo, espôso por espôsa, chefe por dependente e assim em diante.

Devemos aceitar possível uma tal telepatia na infância, mas impossível no adulto assim como talvez se deu a telepatia na infância da humanidade sendo instintivamente considerada impossível, destruidora para a atual humanidade adulta.

O problema portanto não é

da telepatia em si: o problema é a aplicação concreta na prática das relações humanas da telepatia.

Porque, na realidade da nossa sociedade humana atual, a única e verdadeira e última defesa do indivíduo é

o «FECHAMENTO DO SEU PENSAMENTO».

É uma triste e dolorosa constatação, mas terrivelmente verdadeira.

De qual forma então a parapsicologia pode pensar em aperfeiçoar, divulgar, coletivizar o uso da telepatia? Como pode-se imaginar a difusão prática da telepatia numa sociedade na qual o maior e mais constante esforço de cada indivíduo consiste em impedir que o «OUTRO» possa perceber ou captar os seus pensamentos?

O esforço instintivo do indivíduo nesse sentido de «fechamento» faz imaginar que também instintivamente ele «sabe» que seu pensamento pode «fugir-lhe» ou «ser captado».

Teremos então atrofia ou impedimento e proibição?

Um ser treinado instintivamente desde a mais tenra infância ao uso mental da «proibição» pode de imediato por-se em condição de transmitir ou captar? Temendo ainda, no seu íntimo, que es-

normais ou paranormais? Temos condições em nós mesmos para uma «ciência parapsicológica»? Tem a humanidade a capacidade de reativar em si mesma, nos seus componentes individuais, os poderes «normais» que tinham seus ancestrais desenvolvendo estes poderes harmonicamente até ao atual estágio de sua civilização?

A verdade, a verdade pura e absoluta é fenômeno «normal» ou «paranormal»?

Temos então fenômenos

Walter Tomatis

ESPERANTO

SEMINÁRIO CONVINCEU POVO SANDUMONENSE

Graças ao II Seminário Esperantista, realizado recentemente em Santos Dumont, Minas, o Lion's Club local está patrocinando mais um curso de Esperanto, com cerca de 200 alunos matriculados. As aulas são ministradas pelo Professor Benito Palmieri.

ESPERANTO E TURISMO

Entre os últimos prospectos editados por Departamentos de Turismo de diversas cidades, com texto em Esperanto, destacam-se os de Mohács, Aggtelek-Jósvafő e Esztergom, na Hungria; Turku, na Finlândia; Norrköping, na Suécia; Ostrava e Roznov, na Checoslováquia.

«AUSTRÁLIA — TERRA DA ESPERANÇA»: FILME EM ESPERANTO

Sob os auspícios da Embaixada da Austrália será apresentado na sede da Esperanto-Pres, o filme «Austrália — Terra da Esperança», falado em Esperanto. Entrada franca: Breve

«SOU A FAVOR DE UM CALENDÁRIO UNIFICADO, UMA MOEDA ÚNICA PARA TODOS OS POVOS, BEM COMO ADVOGO A CAUSA DO IDIOMA INTERNACIONAL ESPERANTO».

COMUNISMO E LIBERDADE

Stephen Spender

(Extraído do livro «O Deus que Falou», que reúne o testemunho de seis intelectuais que em determinado momento pertenceram às fileiras do comunismo. O poeta e crítico literário Stephen Spender nasceu em 1909: educou-se na Suíça e no University College, de Oxford. Depois de publicar «Além do Liberalismo», em 1937, filiou-se ao partido comunista, abandonando-o depois de algumas semanas.)

Ao escrever este ensaio percebo que nenhuma crítica do comunismo destrói os argumentos contra o capitalismo. As experiências dos últimos anos revelam que ambos produzem a opressão e injustiça, a destruição das liberdades e outros males comuns. Diz-se, em favor do capitalismo, que, dado o tempo de sua existência, pode permitir-se o luxo da liberdade na arte e na discussão entre partidos políticos. Ao mesmo tempo, o capitalismo, como se pratica nos Estados Unidos, o maior país capitalista, não parece oferecer alternativa à guerra, à exploração e à destruição dos recursos mundiais. Se o comunismo atingisse o internacionalismo e a socialização dos meios de produção, poderia estabelecer um mundo que não fosse um caos de contradições econômicas.

Contudo, ainda supondo que a revolução mundial pudesse ser alcançada e que estabelecesse em todo o mundo o sistema de comunismo político e econômico, a cultura e o bem estar da nova sociedade sem classes dependeria de novo pressuposto: a ditadura do proletariado teria que desaparecer.

Marx e os escritores comunistas supõem sempre que isto deverá suceder e não necessitam esclarecer como será. Pensam que a destruição do capitalismo se verifica de acordo com umas leis que atuam mecanicamente em conseqüência das contradições econômicas do próprio sistema; pensam que o fato de o proletariado atingir o poder, em parte devido à vontade humana, é portanto, também, do mesmo processo mecânico. Desde que a evolução fatalmente se produziu, a necessidade mecânica do processo degenerativo do capitalismo e a elevação do proletariado, perdem sua razão de ser. A ditadura do proletariado desaparecerá automaticamente num mundo em que os operários não tenham inimigos.

Se isso fosse verdade, as objeções contra o comunismo seriam por inconvenientes temporários. Grandes inconvenientes, por certo, para as vítimas da ação revolucionária e da propaganda, mas que, ao final, seriam o preço para alcançar um mundo internacional em que todas as nações vivam em harmonia.

Não sendo verdade o desaparecimento da ditadura do proletariado, a crítica do comunismo e de seus métodos converte-se na crítica da ditadura de amanhã, de depois de amanhã e de sempre.

A lição dos últimos trinta anos é que qualquer ditadura estabelecida no mundo moderno com todos os recursos de polícia secreta, de propaganda, de terror, etc. torna-se insustentável. Stalin, Hitler e Mussolini nunca foram seriamente ameaçados por rebeliões dentro de seus próprios domínios. As que caíram, foi resultado da ruína completa de suas nações, causada por outras nações. Parece, pois, razoável pensar que uma ditadura mundial seria a mais irremediável de todas. Também pode deduzir-se, à luz da experiência russa, que o comunismo ou qualquer outro partido, produza ditadores, funcionários ou polícias que desejem alguma vez abandonar o cargo.

Estudar as características dos comissários e dos ditadores de hoje, é apreender algo das leis naturais do Estado comunista que, uma vez estabelecidas, jamais se abandonam.

Entre os intelectuais comunistas pude comprovar, nos anos 1930 e seguintes, uma conduta que se converteu em sistema com a criação dos sindicatos de Escritores da Europa Oriental, os quais determinam aos novelistas e poetas o que devem pensar e escrever. A principal preocupação dos grupos de escritores que se reuniram para discutir o eterno problema da arte e da sociedade, era que a literatura devia mostrar as teorias marxistas da superioridade do proletariado e a necessidade da revolução. Esta visão intelectual da sociedade ia inevitavelmente muito além da experiência individual. A experiência pode ilustrar um aspecto da conclusão a que se liga independentemente de toda a experiência.

Por sinceros que sejam os escritores marxistas, a dominação de suas mentes por uma teoria anterior à experiência oferece resultados inevitáveis. Desde o momento em que o mais importante é ser marxista teórico, os melhores marxistas, que freqüentemente são os piores escritores, levam grande vantagem sobre aqueles que humildemente buscam a arte em sua própria experiência. Os teóricos convertem-se automaticamente em críticos literários que analisam toda a literatura passada e presente de acordo com os pontos de vista ideológicos do escritor. Eu ouvi um poeta comunista explicar numa sociedade literária de Hapstead, por ocasião do aniversário de Keats, que este, embora não tendo sido marxista, por ser filho de tropeiro e ter sofrido a tuber-

culose sem ter recebido auxílio do Estado, merecia o reconhecimento de ser uma vítima do capitalismo. O mesmo escritor afirmou que a obra «O Despertar de Finnegan», de Joyce, ilustra a desintegração do pensamento e da linguagem do mundo individualista burguês. Quando Virginia Woolf se suicidou, em 1941, o citado poeta felicitou-se por ter a mesma escolha do caminho de uma necessidade histórica, e indicando que outros escritores burgueses deviam seguir o seu exemplo. Eu ouvia aborrecido o dogmatismo aberrante dessas pessoas de talento inferior. Havia algo degradante no suposto de que uma teoria política da sociedade pudesse situar uma pessoa em tal posição de rejeitar os pontos de vista dos gênios, a menos que se prestassem ao uso da tal teoria.

Também me repugnava a crítica literária marxista que interpreta a literatura como um conjunto de mitos inventados consciente ou inconscientemente por alguns escritores a uma classe historicamente superior. Em meu parecer, poetas como Dante e Shakespeare mesmo tendo sido homens de seu tempo e pensadores políticos, suas experiências têm aspecto transcendental que está além do interesse humano. A sociedade pode seguir-lhes em suas luminosas revelações acerca da natureza universal da vida, que estão situadas fora das preocupações de uma determinada época histórica, e neste sentido a sociedade pode ser elevada por eles; mas estas desbravagens não são a expressão de desejos de sua própria sociedade.

Para mim, as crenças dos poetas são revelações sagradas de uma realidade acerca da natureza da vida que posso não aceitar, mas que não posso nem desejo explicar como um «fenômeno social». Se a arte nos pode ensinar algo, é que a homem não está completamente preso na sociedade. A sociedade pode aprender através da arte a fugir da sua própria prisão.

Não admitir que a arte seja a comunicação de uma experiência única para o artista, é afirmar que a arte é simplesmente a expressão de necessidades sociais. Isto significa, também, que não sendo os artistas e os poetas os melhores juizes de determinada ideologia da sociedade, os teóricos políticos estão em condições de apontar-lhes o que a sociedade pede a sua arte. É esta a atitude dos comunistas.

Lembro-me de que nos anos de 1930 e seguintes assisti algumas reuniões dos organizadores de um grupo teatral para discutir uma das minhas obras em verso chamada «Processo de um Juiz». Uma comunista jovem e muito bem vestida levantou-se para protestar contra minha comédia. Disse que ela e seus camaradas comunistas estavam decepcionados com minha peça. Esperavam que nela tivesse criado a situação de modo a que os fascistas fossem capitalistas, os liberais fossem débeis e os comunistas fossem os heróis. Mas minha peça mostrava tendência simpática para com o ponto de vista liberal. Além disso, no último ato havia um elemento de misticismo. E conforme ela disse, não é liberalismo ou misticismo o que os comunistas pedem a seus escritores, mas unicamente comunismo.

Seu ponto de vista era exatamente o mesmo de Harry Pollitt, que sempre que me encontrava, dizia-me: «Por que não escreve canções para os operários, como fizeram Byron, Shelley e Wordsworth?». Pergunta irresponsável, a menos que quizesse ajudar os poetas românticos ingleses na deshonra póstuma. Parece que a jovem comunista e Harry Pollitt são exemplos crus, mas Stalin teria sido mais cru e mais efetivo. As vezes uma rudeza expressa-se sutilmente. Por exemplo, em Tchecoslováquia, em 1947, o professor de russo de uma das grandes universidades, que era russo, comunista e inteligente, defendeu um ataque da União Soviética de Escritores a Pasternak, Zoschenko e outros, afirmando que a Rússia não necessitava bons escritores. Naturalmente — disse o professor — estes são nossos melhores escritores, mas não podemos ter bons escritores. Nossos melhores poetas escrevem poemas que deprimem o povo ao expressar um sentido suicida da utilidade da vida. Queremos que o povo trabalhe como nunca trabalhou e por isso não podemos permitir que os escritores digam que são desgraçados.

Em meio desta loucura, não quero perder de vista a idéia principal. Talvez a violência, os campos de concentração, a perversão da ciência e das artes se justifiquem, desde que estes métodos consigam algum dia algum dia criar a sociedade sem classes. Sempre tive presente este argumento, porque é de tanto valor que se fosse verdadeiro iria com que as objeções ao comunismo fossem triviais.

Minha conclusão é que os partidos comunistas do mundo todo, do modo por que estão organizados hoje, não podem criar um mundo melhor, mas ao invés, um mundo muito pior. Creio nisto por estar concentrado um excesso de poder em mãos de poucas pessoas. Estas poucas pessoas estão tão protegidas contra as críticas que nem elas próprias, nem ninguém podem proteger-se de suas piores qualidades humanas: selvagem, vingança, inveja, sede de riqueza e ambição de poder e outros males.

Como não creio que a organização central dos comunistas seja capaz de criar uma sociedade sem classes, nem de estabelecer outra regra que não a vingança e a burocracia, não posso admitir que deva

submeter meu pensamento ao seu, por muito atrativo que seja o dâles e muito ineficaz que seja o meu.

Os comunistas representam um grau de centralização até agora desconhecido. O próprio partido político é centralizado e depende de umas poucas pessoas. Todas as demais funções estão, também, centralizadas sob uma direção política.

A submissão da arte à política significa que a arte chegará à sua total destruição e que o povo será afligido por grandes desgraças. Na Rússia as artes foram, certamente, destruídas, como os próprios comunistas admitem. (Illa Ehrenburgo explicou-me em Paris, em 1945, que os russos não tomariam parte em uma exposição internacional de pintura porque não possuíam bons pintores. Disse-me, também, que a novela do dia era americana e que o único destaque na Rússia era a música. Mas um comunista húngaro disse-me, em 1946, que assim como os russos haviam destruído a literatura e a pintura, estavam agora destruindo a música.)

O artista é simplesmente o indivíduo mais bem desenvolvido de uma sociedade. Não possui pontos de vista oficiais sobre as necessidades humanas ou as atividades do homem, mas tem profunda visão dos sentimentos, do estado de felicidade ou de inteligência dos indivíduos. Dizer que o artista é um individualista, não é afirmar que cria por si e para si: é dizer que cria partindo de suas próprias experiências, que estão estreitamente ligadas às experiências de outras pessoas em um nível em que não são apenas a expressão das necessidades sociais.

A literatura e a arte são, portanto, um testemunho da situação humana em determinadas circunstâncias de tempo e de espaço. Fazer com que a experiência pessoal se submeta à generalização do ponto de vista oficial, é separar a humanidade do meio de se conhecer a si própria como uma comunidade de indivíduos que têm vidas pessoais separadas. É difícil crer que uma autoridade central do Estado que nega aos escritores e aos artistas a liberdade de expressão, quando suas expressões são contrárias à política do Estado, possa vitalidade e força moral para fazer um povo feliz. Tudo o que possui é uma maquiagem e uma organização que substitui a vida. Destruir a liberdade da arte é certamente uma forma de loucura, como é destruir a liberdade do indivíduo. É o mesmo que ter ouvidos para ouvir todos os sons e substituí-los por fones que só deixam ouvir os ordens do Estado. Contudo, a destruição desta liberdade é justificada com esta frase: A liberdade é o reconhecimento de uma necessidade. A liberdade política corresponde à versão dada pelo Estado das necessidades do homem coletivizado. A liberdade da arte fala da individualidade de cada ser humano. Mesmo não sendo a arte igual que a política, é política enquanto amplia nossa concepção da liberdade humana, e este processo amplificador altera nossa concepção da vida de geração a geração para exercer sua influência nos fins políticos da sociedade.

Quando olho para trás posso ver que minha autocrítica começa com minha primeira entrevista com Pollitt, quando me disse que era necessário odiar o capitalismo. Na realidade, eu não sentia tal ódio.

Hoje sei com clareza que não necessitava unir-me aos comunistas porque, na realidade, já havia tomado meu partido. Meu partido era aquele que acreditava na justiça social, na liberdade e na verdade sobre os métodos necessários para atingir estes fins. Se os políticos não podem criar um partido honrado e livre, os intelectuais devem apoiar aqueles políticos mais honestos, ajudando-os ou criticando-os quando utilizem métodos de violência e mentira.

O conflito da consciência liberal dos homens de boa vontade, nos idos de 1930 e seguintes, atualizou o problema dos meios e dos fins. Dizia-se que para alcançar o poder se deveriam utilizar maus meios, ao mesmo tempo que se deveria negar que eram utilizados. Meu dever como escritor era esclarecer este dilema.

De certo modo, depois de meu erro inicial, expressei esta idéia. Contudo, preocupava-me algo que existia em mim e que além de essencial era um dever, isto é, um sentido de angústia social juntamente com algo real de minha personalidade que não me permitia participar de um movimento social.

Admiti em mim um sentimento de culpabilidade, não somente por minhas indecisões, mas por aquelas virtudes de amor e piedade e por minha paixão pela liberdade individual que me haviam impulsionado para o comunismo. Os comunistas disseram-se que esses sentimentos eram «burgueses». Os comunistas, quando se filiam ao partido, têm que abandonar as razões que os levaram a fazê-lo.

É evidente para mim que é meu dever declarar aquilo que merece meu apelo, sem tomar partido e que penso defender. Nenhum bloco na época atual representa o que para mim é a única solução dos problemas do mundo. Esta solução é que todos os povos e nações que amam a liberdade formem um movimento universal para melhorar a situação de milhões de pessoas que preferem o pão à liberdade, elevando-os a um nível de vida, em que possam aspirar, também, à liberdade. Os interesses dos poucos homens que se interessam pelos valores da liberdade, devem identificar-se com os da multidão que necessita pão. Só assim poderá conservar-se a liberdade.

A Presente Condição Humana

Quando o mundo medieval foi destruído, o homem ocidental parecia aproximar-se da realização final de seus mais ardentes sonhos e visões. Libertara-se da autoridade de uma Igreja totalitária, do peso do pensamento tradicional, das limitações geográficas de nosso mundo então apenas meio descoberto. Criou uma nova ciência que levou, finalmente, à libertação de forças produtivas até então desconhecidas e à completa transformação do mundo material. Criou sistemas políticos que pareciam garantir o desenvolvimento livre e produtivo do indivíduo, reduziu as horas do trabalho em proporções tais que o homem ocidental pôde gozar horas de lazer com que seus antepassados nem sonhavam.

Apesar disso, onde nos encontramos hoje? O perigo de uma guerra capaz de destruir tudo paira sobre a humanidade, perigo não superado pelas hesitantes tentativas dos governos de evitá-lo. Mesmo os representantes políticos do homem tenham ainda bastante bom-senso para impedir uma guerra, a condição humana está longe de realização das esperanças dos séculos XVI, XVII e XVIII.

O caráter do homem foi moldado pelas exigências do mundo que construiu com as próprias mãos. Nos séculos XVIII e XIX, o caráter social da classe média revelava fortes tendências à exploração e ao entesouramento. Esse caráter foi determinado pelo desejo de explorar os outros e poupar os ganhos, para obter deles novos lucros. No século XX, o caráter do homem revela considerável passividade e uma identificação com os valores do mercado. O homem contemporâneo é, sem dúvida, passivo durante a maioria do seu tempo do lazer. É um consumidor eterno, que «aceita» bebidas, alimentos, cigarros, conferências, panoramas, livros, cinema — tudo isso é consumido, engolido. O mundo é um grande objeto de seu apetite, uma garrafa grande, uma maçã grande, um seio grande. O homem tornou-se o amamentado, o que espera sempre — e o eternamente desapontado.

Na medida em que o homem moderno não é consumidor, passa a ser negociante. Nosso sistema econômico está centralizado na função do mercado que determina o valor de todas as mercadorias e regula a parcela de todos no produto social. Não é força, nem a tradição, nem a fraude ou os truques que governam as atividades econômicas do homem. Ele pode produzir e vender, o dia do mercado é o dia do Juízo para o êxito de seus esforços. Não somente as mercadorias são oferecidas e vendidas no mercado, como também o trabalho tornou-se uma mercadoria, transacionada no mercado nas mesmas condições de concorrência justa. Mas o sistema mercantil desdobrou-se além da esfera econômica das mercadorias e trabalho. O homem transformou a «si mesmo» numa mercadoria, sente a sua vida como um capital a ser investido com lucro. Se conseguilo, terá «êxito» e sua vida tem um sentido; se não, «é um fracasso». Seu «valor» está na sua vendabilidade, não nas suas qualidades humanas de amor e razão, não em sua capacidade artística. Daí o seu senso de valores depender de fatores estranhos — do seu êxito, segundo a opinião dos outros. Daí a sua dependência desses outros, e sua segurança está na conformidade, em não se distanciar jamais dois passos da manada.

Não é, porém, apenas o mercado que determina o caráter do homem moderno. Outro fator, intimamente relacionado com a função mercantil, é a forma de produção industrial. As empresas tornam-se cada vez maiores, o número de pessoas por elas empregadas como trabalhadores ou funcionários aumenta sem cessar. A propriedade é distinguida da administração e os gigantes industriais são governados por uma burocracia profissional interessada principalmente no funcionamento perfeito e na expansão da empresa, e não na ambição pessoal do lucro em si.

Que tipo de homem, portanto, necessita nossa sociedade a fim de funcionar sem atrito? Precisa de homens que cooperem facilmente dentro de grandes grupos, que desejem consumir mais e mais, e cujos gostos padronizados possam ser facilmente influenciados e previstos. Ne-

cessita de homens que se sintam livres e independentes, não sujeitos a nenhuma autoridade, princípio ou consciência, e não obstante estejam dispostos a receber ordens, fazer o que deles se espera, enquadrar-se na máquina social sem atrito. Homens que possam ser guiados sem força, liderados sem líder, movidos sem objetivo, exceto o objetivo de estar em marcha, de funcionar, de avançar. O industrialismo moderno conseguiu produzir esse tipo de homem — o autômato, o homem alienado, de tal maneira que seus atos e suas forças se tornaram estranhos a ele. Permanecem acima dele e contra ele, governando-o ao invés de serem por ele governados. As forças de sua vida foram transformadas em coisas e instituições, que por sua vez se tornaram ídolos. São sentidas não como resultado dos esforços do homem, mas como algo destacado dele, que ele cultua e a que se submete. O homem alienado se inclina ante o trabalho de suas mãos. Seus ídolos representam suas próprias forças vitais, de forma alienada. O homem se sente não como o portador ativo de suas forças e riquezas, mas como uma «coisa» empobrecida, dependente de outras coisas fora dele, e nas quais projetou sua substância vital.

Os sentimentos sociais do homem são projetados no Estado. Como cidadão, ele se dispõe até mesmo dar sua vida pela de seu companheiro; como pessoa, é governado pelo interesse egoísta em si mesmo. Tendo feito do Estado a representação de seus sentimentos sociais, cultua-o e aos seus símbolos. Projeta seu senso de poder, inteligência e coragem em seus líderes e os adora como ídolos. Como trabalhador, funcionário ou administrador, o homem moderno está alienado do trabalho. O operário tornou-se um átomo econômico que dança segundo a música da administração automatizada. Não tem parte na planificação do processo do trabalho, não partilha de seu resultado, e raramente tem contato com o produto total. O administrador, por sua vez, está em contato com o produto total, mas alienado dele como coisa concreta, útil. Sua finalidade é empregar lucrativamente o capital, e não algo que, como entidade concreta, tenha importância para ele. O administrador tornou-se um burocrata que trata das coisas, dos números e dos seres humanos como simples objeto de sua atividade. Sua manipulação é chamada de preocupação com as relações humanas, embora o administrador trate das relações mais inumanas, entre autômatos que se tornaram abstrações.

Nosso consumo é igualmente alienado, determinado pelos refrões publicitários e não pelas nossas necessidades reais, nosso paladar, nossos olhos ou nossos ouvidos.

A falta de sentido e a alienação do trabalho resultam no desejo de ociosidade completa. O homem odeia sua vida de trabalho porque ela o faz sentir-se prisioneiro e equivocado. Seu ideal se torna a ociosidade absoluta — na qual ele não tenha de fazer nada, onde tudo se processa de acordo com um refrão publicitário: «Você aperta o botão, nós fazemos o resto». Essa tendência é reforçada pelo tipo de consumo necessário para a expansão do mercado interno, levando a um princípio que Huxley expressou sucintamente em seu *Brave New World*. Uma das afirmações que estamos habituados a ouvir desde a infância é: «não deixe para amanhã o que é possível fazer hoje». Se eu não adiar a satisfação do meu desejo (e estou condicionado a desejar apenas o que posso obter), não tenho conflitos, nem dúvidas; nenhuma decisão a tomar; jamais estarei a sós comigo mesmo, porque estou sempre ocupado — trabalhando ou me divertindo. Não tenho necessidade de estar consciente de mim, pois estou constantemente absorvido pelo consumo. Sou um sistema de desejos e satisfações; tenho de trabalhar para satisfazer meus desejos — e estes são constantemente estimulados e dirigidos pela máquina econômica.

Alegamos serem nossos os objetivos da tradição judaico-cristão: o amor de Deus e o de nossos vizinhos. Ouvimos dizer que atravessamos um período de promissora renascença religiosa. Nada poderia estar mais longe da verdade. Usamos símbolos pertencentes a uma tradição religiosa autêntica e os transformamos em fórmulas, que servem às finalidades do homem alienado. A religião tornou-se uma concha vazia, foi transformada num sistema de auto-serviço para aumentar a nossa capacidade de êxito. Deus tornou-se um sócio nos negócios. A Força do Pensamento Positivo é a sucessora de Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas.

O amor do homem é um fenômeno raro, também. Autômatos não amam, homens alienados não se importam com o amor. O que os peritos em amor e os conselheiros matrimoniais louvam é uma relação entre duas pessoas que se manipulam com as técnicas adequadas e cujo amor é essencialmente um egoísmo a dois — um abrigo contra uma solidão que sem isso seria insuportável.

O que devemos, então, esperar do futuro? Se ignorarmos os pensamentos que são apenas os produtos de nossos desejos, receio que tenhamos de admitir que a possibilidade mais possível é ainda a de que a discrepância entre a inteligência técnica e a razão levará o mundo a uma guerra atômica. A consequência mais provável dessa guerra é a destruição da civilização industrial e o regresso do mundo ao nível agrário primitivo. Ou, se a destruição não for tão completa quanto muitos especialistas no assunto supõem, o resultado será a necessidade de que o vencedor organize e denomine todo o mundo. Isso só poderia ocorrer num Estado controlado baseado na força, e pouca diferença faria se Washington ou Moscou fossem a sede de tal governo.

Infelizmente, nem mesmo a superação do perigo de guerra encerra a promessa de um futuro brilhante. Na evolução do capitalismo e do comunismo, como a imaginamos nos próximos cinquenta ou cem anos, os processos que levam à alienação humana continuarão. Ambos os sistemas se estão transformando em sociedades administrativas, com habitantes bem alimentados, bem vestidos, com os desejos satisfeitos e sem ter anseios que não possam ser atendidos.

Os homens são, cada vez mais, autômatos que fazem máquinas que agem como homens e produzem homens que agem como máquinas; sua razão deteriora, enquanto sua inteligência aumenta, criando com isso a perigosa situação de dar aos homens um formidável poder material, sem a prudência de saber usá-lo.

Apesar do aumento crescente da produção e de conforto, o homem perde dia a dia o senso de si mesmo, passando a sentir que sua vida é sem sentido, embora esse sentimento seja, em grande parte, inconsciente. No século XIX o problema era a morte de Deus; no século XX, o problema é a morte do homem. No século XIX a inumanidade significava crueldade; no século XX, significa a alienação esquizóide. O perigo do passado era tornarem-se os homens escravos. O perigo do futuro é que eles se podem tornar autômatos. É certo que os autômatos não se rebelam, mas, levando em conta a natureza do homem, ele não pode viver com um robô e continuar mentalmente sadio — destruirá o mundo e a si mesmo, porque já não poderá suportar a monotonia de uma vida sem sentido.

Qual a alternativa à guerra e ao automatismo? A resposta talvez pudesse ser dada, de forma fundamental, modificando-se a frase de Emerson «As coisas dominam o homem e governam a humanidade», e dizendo-se «Coloque-

mos a humanidade no domínio, para que possa governar as coisas». É outra forma de dizer que o homem deve superar a alienação que faz dele um adorador de ídolos, impotente e irracional. Isso significa, na esfera psicológica, que tem de superar as atitudes mercantis e passivas, que hoje o dominam, o escolher um caminho maduro e produtivo. Deve readquirir o senso do eu, deve ser capaz de amar e tornar seu trabalho uma atividade concreta e com sentido. Devo sair da orientação materialista e chegar a um nível em que os valores espirituais — amor, verdade e justiça — se tornem realmente fundamentais. Mais qualquer tentativa se modifica apenas um aspecto da vida, o homem ou o espiritual, está destinada ao fracasso. Na verdade, o progresso que ocorre apenas numa esfera destrói o progresso em todas as esferas. O evangelho que se ocupa apenas da salvação espiritual levou à Igreja Católica Romana.

A Revolução Francesa, com sua preocupação exclusiva com a reforma política, levou a Robespierre e Napoleão. O socialismo, na medida em que se ocupa apenas da transformação econômica, levou ao stalinismo.

Aplicando o princípio da transformação simultânea a todas as esferas de vida, devemos pensar nas modificações econômicas e políticas necessárias à superação da realidade psicológica da alienação. Devemos conservar os progressos tecnológicos da produção em grande escala, com a máquina e a automatização. Mas devemos descentralizar o trabalho e o Estado, dando-lhes **proporções humanas**, admitindo a centralização apenas na medida necessária às exigências da indústria. Na esfera econômica, precisamos de uma democracia industrial, um socialismo democrático caracterizado pela co-administração por todos os que trabalham numa empresa, a fim de permitir-lhes uma participação ativa e responsável. É possível encontrar formas de participação que permitam essa realização. Na esfera política, podemos estabelecer a democracia efetiva criando milhares de grupos de contato direto, que sejam bem informados, realizem discussões sérias e cujas decisões sejam integradas numa nova «câmara baixa». O renascimento cultural terá de combinar um trabalho educativo para os jovens, a educação de adultos e um novo sistema de arte popular e ritual secular, através de toda a nação.

Tal como o homem primitivo estava impotente frente às forças sociais e econômicas por ele mesmo criadas. Adora a obra de suas mãos, curva-se aos novos ídolos, e não obstante jura por Deus que lhe ordenou a destruição de todos os ídolos. O homem só pode proteger-se das consequências de sua própria loucura criando uma sociedade sadia que se conforme às suas necessidades, necessidades essas que devem ter raízes nas próprias condições da existência. Uma sociedade na qual os homens estabeleçam entre si relações de amor, na qual se liguem pelos laços de fraternidade e solidariedade, ao invés dos laços de sangue e terra; uma sociedade que lhes dê a possibilidade de transcender a Natureza, criando e não destruindo, na qual todos a injam a um sentido do eu, pela consciência de sua força e não pela conformidade, na qual exista um sistema de orientação e dedicação sem lhe exigir a deformação da realidade e a adoração dos ídolos.

A construção dessa sociedade significa um passo à frente, significa o fim da história «humanóides», a fase na qual o homem ainda não chegou a ser plenamente humano. Não representará o «fim dos dias», a «conclusão», o estado de harmonia perfeita no qual não há problemas nem conflitos. Pelo contrário, é destino do homem ter sua existência perturbada pelas contradições que tem de enfrentar sem poder jamais resolvê-las. Quando tiver superado o estado primitivo do sacrifício humano, seja na forma ritual dos sacrifícios humanos dos astecas ou na forma secular da guerra, quando for capaz de regular suas relações com a Natureza razoavelmente, e não cegamente, quando as coisas se tiverem realmente tornado servas, e não ídolos, ele enfrentará problemas e conflitos realmente humanos, terá de ser corajoso, aventureiro, imaginativo, capaz de sofrimento e de alegria, mas sua força estará a serviço da vida, não a serviço da morte. A nova fase da história humana, se chegar a ocorrer, será um novo começo e não um fim.

(Do livro «O Dogma de Cristo» de Erich Fromm)

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

«POESIA NEGRA»

Germinal de Amor

Como poesia humana, entende-se facilmente o profundo desejo de reconhecimento de igualdade e confraternização, frente aos que inversamente agiram e agem, malgrado os propalados direitos das pessoas, povos e nações entre si, talvez nunca como hoje a poesia da negritude requeresse um estudo mais íntegro e a devida difusão por parte dos que, ao invés de baterem o punho nas lustrosas mesas de conferências e congressos, o coração lhes salta ao sentirem a injusta falha justiça injustificando o homem por ser negro, amarelo, branco ou o que quer que seja, mas sobre e acima de tudo pela vontade de ser, simplesmente, em desconfronto às convenções do hipócrito humanismo que prima pela total castração dos valores autênticos, humanos...

Foi dessa poesia, — ilustrando-nos com belíssimos poemas —, que nos veio falar, de maneira altamente categorizada, a amável poetisa Maria José de Carvalho, na sede do Centro de Cultura Social, aos seis de maio deste ano.

Como sinal de agradecimento à conferencista, em homenagem a todos os **hermanos negros**, pela tristeza mais triste nas calçadas de Memphis, este duro poema de Langston Hughes:

K KLUX

Eles me arrastaram para fora,
para um lugar solitário.
E perguntaram: «Acredita
na grandeza da raça branca?»

Eu respondi, «Senhores,
para dizer a verdade
acreditarei no que quiserem
conquanto me deixem ir embora».

O homem branco então disse: «Rapaz
quem me garante
que você não fique por aí
à espera, pra me assassinar?»

Então me deram uma pancada na cabeça
e me derrubaram atordoado,
e me encheram de pontapés,
no chão.

E o valentão gritou: «Negro,
olhe pra mim, negro,
e jure que você acredita
na grandeza da raça branca».

MAIO PROLETARIO

Homenagem aos mártires de Chicago

Pedro Catallo

Oh! Maio venturoso! Oh! Grande dia!
O teu ardente sol é a alegria
Que arpeja nos corações doridos
Da multidão que espalha seus gemidos
Na tortuosa e negra escradão
E na cruenta luta pela redenção.
Saúdo em ti, oh! Maio promissor!
A heróica e sublime proletária dor.

Qual flâmula que ao vento esvoaça,
Brilha assim na escuridão que passa,
De ódios, de rancor, de guerras e matanças.
Saudam-te, oh! Maio! as crianças,
Os velhos, a mãe que chora, o proletário,
O atirista, o pensador, o visionário,
A juventude ardente onde viceja
A liberdade que a humanidade almeja.

Saudam-te os povos subjugados
Pela tirania de monstros renegados,
Transfugas da vida, da vida vendilhões
Que aos homens livres deram-lhes grilhões
Pensando aprisionar o pensamento.
Mas já a revolta rugiu o seu lamento.
A tempestade roe a cidadela.
Da liberdade sente-se a procela.

Oh! Maio proletário e de esperanças!
O teu hino é um poema de lembranças
Da história missão de quem trabalha.
Es o refulgir da luz que espalha
O mirífico Ideal que rumoreja
Na esplendorosa aurora da peleja.
Es a primavera da vida que se apresta
Trazer aos povos a sua grande festa.

Salve Maio! Símbolo que traz
A redenção humana de justiça e paz.
Foste tu, do oprimido a fala!
Libertaste o negro da senzala
E da senzala recolheste o grito
Do escravo vil, acorrentado e aflito.
E na dolorosa senda proletária,
Foste tu que iluminaste o Pária!

Eu te saúdo, oh Maio! Aspiração e luz!
Saúdo o Martir e o povo que produz!
Saúdo o pária, a orfandade aflita
A esperança dum porvir melhor.
Ouví de Maio o épico clangor?!...
Da sociedade velha e agonizante
Surgirá uma nova e livre! Avante!

Em defesa da liberdade morre um estudante

Estamos escrevendo esta nota sob o impacto dos dolorosos acontecimentos que culminaram com a morte do jovem estudante Edson Luiz Lima Souto, de 17 anos de idade, friamente assassinado pela polícia militar da Guanabara. Dispensamo-nos de entrar em maiores detalhes porque esse lamentável fato mereceu a atenção de toda a imprensa do país, visto que não se trata de um simples caso isolado, mas sim, de uma manifestação de vulto que abrange todo o território nacional. Não obstante as restrições que os poderes constituídos lhe fazem, essas manifestações revelam o choque tácito existente entre tudo o que é velho e que precisa ser renovado e as novas gerações estudantis que são as portadoras dessas mesmas renovações. É uma nova concepção de vida que se manifesta através da autenticidade duma juventude esclarecida que compreende a precariedade e o curto alcance das instituições que nos governam. É a mocidade estuante de energias que quer participar como força viva na elaboração de um convívio social justo e humano. São moços que sentem horror em viver num mundo como o nosso, semeado de tragédias, de injustiças, de guerras por toda parte e do ferino antagonismo entre os homens. Querem um mundo melhor, de paz e de fraternidade e desejam cooperar para que isso seja uma radiante realidade e não um sonho que passa de geração em geração.

A morte desse jovem e de outros que caem nas refregas que ora se ferem nos diversos quadrantes do mundo, é o tributo brutal que todos os grandes movimentos de renovação social exigem. A mente petrificada e ancilosa dos que gozam o «dolce far niente» das sinecuras políticas, não permite o sopro de novas aragens que trazem o perfume das inquietações juvenis. Preferem da gente moça apenas os bailarinos, ángeles que se esgoelam nos campos de futebol, os rapazes de roupas exóticas que fumam maconha e tomam «picadas». Quando se defrontam com os jovens que pensam, que sabem falar e que sabem dizer qual é o mundo que desejam encontrar no dia de amanhã, porque lhes pertence e porque são eles que vão vivê-lo, mandam-lhe a polícia militar, aquela «especializada» na repressão ao pensamento para que mate os indesejados rapazes como Edson Luiz Lima Souto. Na verdade nada de melhor podia se esperar da polícia, sendo como é uma corporação feita à base de violências e agressões. Os seus argumentos prediletos são os muros, os cacetetes, os tiros, e quando é chamada a intervir não sabe distinguir a grande distância que vai entre um marginal e um estudante, entre o sujeito que se apodera do que lhe não pertence e o cidadão desinteressado que luta por um Brasil melhor.

De resto conhecemos sobejamente em que consiste a «liberdade» democrática dentro da Democracia. É a liberdade de ver, sentir e pensar tal e qual pensam, vêm e sentem os usufrutuários do poder, ángeles que pelas posições que galgaram jamais poderão sentir os prementes problemas Nacionais, com a mesma intensidade do cidadão comum e do estudante, neste caso. O crime que cobriu de luto a classe estudantil, mas que também cobriu de vergonha a nossa decadente Civilização é uma amostra fiel da resistência reacionária da democracia que se diz encarnar uma revolução que chegou a despartar floridas esperanças ao povo brasileiro, e que prometeu fazer aquilo que os estudantes estão hoje reclamando. Pretende-se enxovalhar essas manifestações espontâneas dos estudantes brasileiros, acoimando-as de «coisa teleguiada» procada por «agitadores profissionais», e fingem desconhecer que é um fator de renovação social que se processa em todo o mundo através dos estudantes. Inclusive nos países reacionários por excelência como sejam Espanha e Portugal, a contenda estudantil reclama a instituição da liberdade e a reformulação estruturas políticas. E de que modo explicar como «coisa teleguiada» essa manifestação da juventude estudantil nos países mui injustamente chamados de socialistas? Quem são lá os «teleguiadores» e os «agitadores profissionais»? Serão «agentes» dos países democráticos?

Convençam-se os testudos mandatários do mundo que a transformação social precipita-se ao nosso encontro encarnada no arrojo, na abnegação e nos sacrifícios de vidas da classe estudantil de todo o mundo.

Associando-nos ao luto da família do jovem Edson Luiz Lima Souto, e a consternação de toda a classe estudantil brasileira, registramos a seguir trechos de algumas veementes manifestações de entidades dos estudantes de São Paulo. Na Universidade Mackenzie, os estudantes decretaram luto por três dias e enviaram ao governador da Guanabara, telegrama de protesto. A Escola de Comunicações, no manifesto que lançou dizia entre outras coisas:

«Cremos que este não é o momento propício para ilusões. Repressão armada às manifestações significa a morte de todos os direitos do homem, a começar pelo direito de viver. O Governo não titubeia no recurso às armas». E mais adiante:

«Esse fato reflete a restrição progressiva dos direitos do país, como parte do processo de sufocamento crescente que tem vitimado o povo brasileiro nestes últimos anos».

Os estudantes da Faculdade de Medicina em seu manifesto afirmam que «a brutal agressão praticada pelos órgãos de repressão do Governo evidencia bem as soluções oficiais para os problemas da sociedade brasileira».

Esse manifesto foi assinado também pelo Grêmio da Filosofia da USP, da Politécnica, Santa Casa, XI de Agosto, Filosofia São Bento, Mackenzie, 22 de Agosto, Saboia de Medeiros, Pereira Barreto (Paulista), FAU, Escola de Biblioteconomia, UEE, DCE Livre da USP e DCE Livre da PUC.

O Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa divulgou ainda outro manifesto, em que diz que o que houve no Rio «é um produto da política educacional do Governo: as verbas para a Universidade são suprimidas e desviadas, o que leva os estudantes a reivindicarem melhores condições. A resposta do Governo é a repressão violenta e até criminosas».

Do copioso material de protesto publicado na imprensa desta capital destacamos os seguintes:

O Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do largo de São Francisco, reuniu-se em assembleia para tomada de posição. Disto resultou um manifesto divulgado bem cedo, que começava assim:

«Neste país, em que o governo oprime todos, começa agora, a matar. Matar a juventude que pensa, que raciocina, que age».

Em seguida faz considerações sobre o que chama «Estado militarista policial», para afirmar: «Repetem-se, em nossa pátria, os mesmos atos que caracterizaram a ascensão do fascismo e do nazismo: o terrorismo cultural, o espancamento de estudantes, a redução ao silêncio das organizações sindicais. E agora, colegas, supremo ultraje à nossa consciência de homens livres: o assassinio de um estudante e um popular no restaurante universitário «Cabalouço».

O Grêmio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo fez divulgar uma proposta, com algumas considerações: «No dia 28 de março, mais uma vez no Brasil, estudantes e populares foram assassinados por um Governo ditatorial e militarista. A violência, a arbitrariedade, a força, a injustiça, a irresponsabilidade, o assalto à razão e a dignidade humana, sempre foram a característica de todos os governos militaristas, ditatoriais e fascistas de todo o mundo e em todas as épocas».

O Grêmio Politécnico distribuiu nota intitulada «Repúdio ao Crime», na qual seus representantes acentuam: «De uma coisa podem estar certos os homens do Governo: não há repressão, não há violência, não há assassinio que nos faça abandonar a última arma que nos resta — a manifestação pública — na luta por uma profunda reformulação na vida nacional».

«Estou aqui para compreender, para saber o que pensa um homem que mata o outro, sem ao menos conhecê-lo. Estou aqui para provar algo em que acredito: que a guerra é inútil, estúpida, que é a prova mais bestial da estupidez da raça humana. Estou aqui para provar o quanto o mundo é hipócrita quando exalta o transplante de um coração, ou a descoberta de um soro que curará o câncer, enquanto milhares de criaturas jovens e sadias, sem câncer, com o coração perfeito, estão aqui para morrer como animais, bois que vão para o matadouro».

(Palavras duma reportagem da jornalista Oriana Falacci que viveu uma batalha no Vietnã).

ORIGEM DO 1.º DE MAIO

(Conclusão da 1.ª página)

VERDADE E JUSTIÇA

Seis anos apenas haviam passado da tremenda tragédia de Chicago, quando um novo governador, um honrado e probo governador, mandou rever aquele fatídico processo e conternado proclamou perante o mundo:

1º — que os condenados foram vítimas de odiosa maquinaria judicial, prepara e executada sistematicamente com o objetivo exclusivo de levá-los ao patíbulo.

2º — foram julgados e condenados por um Tribunal ilegal e ilegalmente constituído.

3º — que a despeito das indignas maquinacões do Juiz, o Tribunal não pôde demons-

trar a culpabilidade dos condenados.

E concluiu: «Tal ferocidade não tem precedentes na História».

Considero um dever iniludível, nestas circunstâncias e pelas razões antes expostas, proceder de acordo com estas conclusões e ordeno, hoje, 25 de junho de 1893, sejam postos em liberdade sem condições, a Samuel Fielden, Oscar Neebe e Michel Schwab.

O Governador do Estado de Illinois, M. Alt. Angelet.

Com este breve e reduzido resumo da histórica Tragédia de Chicago fica bem claro que o dia 1º de Maio não poderá ser nunca uma Festa de Trabalho, mas sim uma data combativa e de grandes reivindicações sociais e humanas.



Monumento erigido no túmulo dos Mártires, em Waldheim Cemetery, em Chicago, levantado no ano 1893, depois que o Governador Altel Angelet reconheceu a inocência das vítimas.

MIGALHAS

J. G. DE ARAUJO JORGE

O resto de teu prato, o resto de milhares de outros pratos enfatiados são o autoflagrante do crime sem protesto perpetrado

— por aqueles que têm pão e teto e a segurança de seu próprio nome, contra os que vivem sem um lar sequer e os que caem esqualidos de fome.

Como uma gota d'água pequenina a gigantesca massa de um oceano pode fazer, um dia, transbordar, é essa migalha, — a sobra e o desperdício, — que há de fazer rolar num dia diante no mais sombrio e rude precipício a avalanche da fome e da miséria!

E essa avalanche há de arrastar, passando, a humanidade toda, e há de deixar um campo devastado só com o sangue dos homens adubado para uma nova criação...

Das ruínas de uma tal devastação dos destroços e escombros da nossa humanidade derrubada, surgirá uma outra humanidade mais perfeita e uma mentalidade mais formada!

É essa migalha de pão que tu jogaste fora sem notar, — a gota pequenina que há de um dia fazer todo um oceano transbordar!

Autoritarismo

ERICH FROMM

(Continuação do número anterior)

Esta necessidade do auxiliar mágico pode ser estudada em condições semi-experimentais na técnica psicanalítica. É comum a pessoa que está sendo analisada apegar-se profundamente ao psicanalista e relatar toda sua vida, seus atos, pensamentos e sentimentos a este. Consciente ou inconscientemente, o analisado pergunta-se: será que o analista gostará disto, não gostará daquilo, concordará com isto, repreender-me-á por aquilo? Nas relações amorosas, o fato de escolher-se esta ou aquela pessoa como parceiro serve como prova de que esta determinada pessoa é amada somente porque ela é «ela»; na situação psicanalítica, porém, esta ilusão não pode ser sustentada. Os mais diversos tipos de pessoas apresentam os mesmos sentimentos face aos mais diversos tipos de analistas. A relação parece-se com o amor e muitas vezes é acompanhada de desejo sexual; contudo, é, essencialmente, um relacionamento com o auxiliar mágico personificado, papel esse que um analista, evidentemente, como outras pessoas que tenham certa autoridade (médicos, sacerdotes, professores), é capaz de desempenhar satisfatoriamente para a pessoa que está em busca de tal auxiliar personificado.

As razões pelas quais uma pessoa se acha acorren-tada a um auxiliar mágico são, em princípio, as mesmas que vimos na origem dos impulsos simbióticos. uma incapacidade para manter-se por si só e para expressar plenamente suas próprias potencialidades individuais. Nos amelos sadomasoquistas esta incapacidade conduz a uma tendência para a pessoa descartar-se de seu ego individual por meio da dependência do auxiliar mágico na forma mais branda de dependência que agora estamos examinando ela apenas conduz a um desejo de orientação e proteção. A intensidade do relacionamento com o auxiliar mágico varia na razão inversa da capacidade para a pessoa exprimir espontaneamente suas próprias potencialidades intelectuais, emocionais e sensoriais. Por outras palavras, a pessoa espera obter tudo que deseja da vida, graças ao auxiliar mágico e não a suas próprias ações. Quanto mais isso ocorre, tanto mais o centro da vida desvia-se da própria pessoa para o auxiliar mágico e as personificações deste. Não se trata mais, então, de como a pessoa deve viver, porém de como deve manipular-lo, de molde a não perdê-lo, e de como deve torná-lo aquilo que se quer, inclusive torná-lo responsável pelo que se é responsável.

Nos casos mais exagerados, a vida inteira da pessoa consiste quase inteiramente na tentativa de manipular-lo; as pessoas diferem nos meios empregados: para alguns é a obediência, para outros ser «bonzinho», e para outros ainda o sofrimento é o meio de manipulação a que recorrem. Vemos, assim, que não há sentimento, pensamento ou emoção que não seja pelo menos matizado pela necessidade de manipular-lo; por outras palavras, nenhum ato psíquico é realmente espontâneo ou livre.

Esta dependência, brotando e ao mesmo tempo favorecendo o aparecimento de uma obstrução da espontaneidade, não só proporciona certa dose de segurança como também produz uma sensação de fraqueza e cativeiro. Tanto quanto isto é verdade, a própria pessoa que depende do auxiliar mágico também se sente, se bem que comumente de forma inconsciente, escravizada por «ele» e, em grau maior ou menor, revolta-se contra «ele». Esta rebelião contra a própria pessoa em quem ela depositou suas esperanças de segurança e felicidade cria novos conflitos. Ela tem de ser suprimida para a pessoa não o «perder», mas o antagonismo latente constantemente ameaça a segurança procurada na relação.

Se o auxiliar mágico for personificado em uma pessoa real, e o desapontamento proveniente desta não corresponder ao que dela se espera — e como a expectativa é ilusória, qualquer pessoa infalivelmente desapontará —, além do ressentimento oriundo da própria escravização àquela pessoa, leva a contínuos conflitos. Estes, às vezes, só terminam com a separação, que geralmente é seguida de escolha dum outro objeto que se espera satisfazer todas as esperanças associadas ao auxiliar mágico. Se esta relação também mostrar-se infrutífera, pode ser novamente rompida ou então a pessoa interessada pode concluir que assim é a «vida», e resignar-se. O que ela não reconhece é o fato de que seu insucesso não é, em última análise, decorrente de não haver escolhido a pessoa mágica adequada; é o resultado direto de ter procurado obter pela manipulação de uma força mágica aquilo que só o indivíduo pode alcançar por meio de sua própria atividade espontânea.

O fenômeno de dependência que dura a vida inteira, com relação a um objeto exterior à própria pessoa, foi visto por Freud. Ele o interpretou como a continuação pela vida afóra de laços arcaicos, essencialmente sexuais, com os pais.

Em verdade, o fenômeno impressionou-o tanto que ele asseverou ser o complexo de Édipo o núcleo de todas as neuroses, vindo na superação deste o problema capital do desenvolvimento normal.

(continua no próximo número)